

Manuela Juncal¹

Robert Auzelle e o urbanismo francês dos meados do século XX no “Plano Diretor da Cidade do Porto” de 1962

Resumo

O extraordinário fascínio que o chamado Plano Auzelle sempre exerceu, advém do seu esplêndido aspeto gráfico e em especial da sua cartografia de grande beleza. Acrescentando a essa simpatia o facto de o Plano de Robert Auzelle ter estado em vigor na cidade do Porto durante cerca de vinte anos (por boas e más razões, como se espera poder provar noutros trabalhos), enceta-se aqui a tarefa de procurar contribuir para a compreensão das escolas e metodologias que informam este plano.

Estudar as propostas de Robert Auzelle, o eminente urbanista que em 1962 completou o “Plano Diretor da Cidade do Porto”, leva-nos à redescoberta de uma área, hoje um pouco esquecida, da história cultural europeia e ao contexto social e filosófico da primeira metade do século XX em França. É nesse espaço que se formam os contornos do urbanismo francês de entre as duas guerras.

Robert Auzelle, o jovem que em 1932 ganha uma bolsa para estudar na “École Nationale de Beaux Arts” e depois no “Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris” é um filho espiritual desses tempos. Ele assiste, enquanto aluno, à polémica sobre a cidade que, no essencial, opõe o estilo “internacional” às concepções, primeiro bucolicamente conservadoras e depois nacionalistas, daquilo a que os franceses chamaram ‘l’Art Urbain’. Enquanto profissional, graduado em 1942, a destruição

¹ Arquiteta e aluna de doutoramento em Geografia

do pós-guerra proporcionar-lhe-á aquilo que a geração anterior não tinha tido: um campo real para testar as suas teorias.

Neste artigo aborda-se a génese dos conceitos e elementos metodológicos que estão por trás do chamado “Plano Auzelle” para a cidade do Porto e aventa-se a hipótese da existência de uma posição híbrida, inspirada em conceitos da ‘Carta de Atenas’ e nos princípios estéticos inspirados por Le Corbusier, mas, ao mesmo tempo, reveladora da importância das lições de Marcel Poète, Pierre Lavedan, Gaston Bardet e Jacques Gréber.

Abstract

The unusual appeal that the so-called ‘Plan Auzelle’ always worked upon urban planners came mainly from his impressive graphic characteristics and particularly from its cartography of great beauty. Adding to this, the fact that the plan of Robert Auzelle had been in power in the city of Oporto during about twenty years (for good and bad reasons, as other works will expectedly prove), we undertook the task of understanding the schools and methodologies that enlighten this plan. To study the urban schemes of Robert Auzelle, the eminent city planner who in 1962 completed the “Master Plan of the city of Porto”, leads us to rediscovering a period, today a bit forgotten, of European cultural history, of the philosophical and social context of the first half of the twentieth century in France. It is this framework that shaped the outlines of French urbanism between the two wars. Robert Auzelle, the young man who in 1932 won a scholarship to study at the “École Nationale de Beaux Arts and later at the” Institut d’Urbanisme de l’ Université de Paris” is a spiritual son of those times. He witnesses, as a student, the debate over the city, the controversy between the “international” style and the perspective, at first merely conservative and then fully nationalist of what the French called ‘ l’Art Urbain ‘. As a professional, graduated in 1942, the post-war destruction would give him what the previous generation never had: a real field to test his theories.

In this article is argued the genesis of both the concepts and methodological elements that lie behind the “Auzelle Plan” for the city of Porto

and the hypothesis of the existence of a hybrid position of his Coordinator, inspired in the concepts of 'Athens Charter' and aesthetic principles inspired by Le Corbusier, but at the same time revealing the perspective withdrawn from the lessons of Marcel Poète, Pierre Lavedan, Gaston Bardet and Jacques Gréber

"L'esprit du temps"; numa referência ao clima intelectual e cultural duma certa época, é uma expressão que ficou melhor conhecida pelo seu uso na obra de Hegel, "Filosofia da História"². Sem dúvida que o Homem será sempre ele próprio e as suas circunstâncias, não no sentido determinista de que a sociedade marca indelevelmente o ser, mas no sentido dinâmico (dialético, já agora) de que o 'nosso tempo' interage com as probabilidades da existência do ser na sua contemporaneidade.

O período da vida das cidades que decorre entre as duas guerras e a que Nuno Portas se refere falando de uma cidade 'art-déco', ou "...aliás, o seu retrato robot, já que a cidade 'art-déco' não existe"³ é um período intenso de criação e de propostas de novos modelos, debatidos fundamentalmente no plano dos conceitos, já que a cidade dessa época, como bem faz notar Portas, está a ser apenas "colmatada"⁴ em áreas intersticiais que as grelhas reguladoras do século XIX tinham configurado.

Como seria de esperar, a polémica é travada sobretudo em torno da espacialidade nas grandes cidades, a começar por Paris, a capital francesa que se presava de centralizar o melhor da vida cultural e artística da época. Le Corbusier, o pensador icónico da arquitetura e do urbanismo mundiais no século XX, sempre claro e contundente, definia o destino das cidades europeias, logo no início dos anos '20 na sua conferência "L'Ésprit Nouveau en Architecture: *"O urbanismo diz respeito às grandes cidades e não irá apenas construir cidades novas em países novos e desconhecidos. Conseguiremos traçados modernos para as cidades europeias, quer*

² Jean Hyppolite. "Introdução à Filosofia da História de Hegel". Edições 70.1995

³ Nuno Portas. "Os Tempo das Formas". Vol.1, pag.90. DAAUM/Guimarães.2005

⁴ Ibid.

seja Paris, Londres, Berlim, Moscovo ou Roma. Essas capitais terão de se transformar completamente a partir do seu próprio meio, quaisquer que sejam os esforços, quaisquer que sejam os impactos."⁵

*Charles-Édouard Jeanneret Gris, dito Le Corbusier é, na sua juventude, um viajante incansável e aponta nos seus cadernos de viagem as impressões de uma Europa que, nesse princípio de século, se aproximava ainda fortemente dos ambientes descritos por Dickens ou Engels na caracterização da cidade industrial, com enormes deficiências na saúde pública e na qualidade de vida em geral. Como outros suíços, Le Corbusier vive entre a cultura francesa e a cultura alemã. Conhece Tony Garnier e André Perret mas também Peter Behrens (com quem trabalha) e Walter Gropius, seu contemporâneo. Lê Renan e Schuré, mas acima de tudo terá ficado arrebatado com Friedrich Nietzsche e especialmente com o seu "Also sprach Zarathustra" no anúncio de um Homem novo, o Homem que continua a existir mesmo após a 'morte de Deus', o "Übermensch" que será o protagonista (como destinatário) da cidade nova que imagina.*⁶

"Como no pré-urbanismo progressista, encontramos na base do urbanismo progressista uma concepção da era industrial como ruptura histórica radical."⁷

Nietzsche, que influencia fortemente a ideologia europeia dos anos 20/40, (inclusive através da vulgata que das suas ideias fará o nazismo), não é no entanto o filósofo preferido da França académica. Para Marcel Poète, filósofo, historiador e professor no Instituto de História, de Geografia e de Economia Urbana, a referência filosófica é Henri Bergson. Segundo Poète, que ensina os primeiros cursos sobre a História de Paris, a redescoberta da herança urbanística da cidade das luzes, o estudo das particularidades dos seus bairros, dos seus espaços ancestrais e da sua arquitetura vernacular, são outras tantas oportunidades para redescobrir a essência das qualidades francesas.⁸

⁵ Cf. Jean-Louis Cohen. "Le Corbusier et la mystique de la URSS". Mardaga. 1987

⁶ Cf. Jean-Louis Cohen. "Le Corbusier et la mystique de la URSS". Mardaga. 1987

⁷ Cf. Françoise Choay. « L'Urbanisme, utopies et réalités ».

⁸ Cf. Jean-Louis Cohen. « L'architecture urbaine' selon Pierre Lavedan ». Les Cahiers de recherche architectural, n° 32-33.

A importância de Marcel Poète no desenvolvimento da teoria urbanística francesa é a de um pai fundador, equivalente a Louis Mumford nos Estados Unidos e a Patrick Geddes na Grã-Bretanha.⁹ Do seu pensamento se alimentaram personagens como Pierre Lavedan, Gaston Bardet, Chombart de Lauwe e Robert Auzelle, já que a perspectiva de Poète da história urbana de Paris influencia os alunos da École de Hautes Études Urbains, a antecessora do "Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris", os quais vieram a ter um papel importante no que a França entendeu chamar "*l'Art Urbain*".



Ilustração 1 – Robert Auzelle

Outra influência importante na época é Pierre Lavedan,¹⁰ também historiador, que publica em 1926 o livro "Histoire de l'Urbanisme" que exerceu grande influência no seu tempo. Na introdução ao livro ele evoca Marcel Poète e o seu conceito de cidade como "organismo vivo". Cita também Marcel Mauss, um sociólogo, e a sua concepção de que há uma "morfologia social" que engloba "tudo

o que serve o funcionamento da vida colectiva"¹¹, considerando que esta ideia pode ser usado como base para o planeamento urbanístico.

Mas também os conceitos do inglês Raymond Unwin, relativos às variações e individualidade da forma na cidade-jardim, eram caros a Lavedan, o que leva Evelyne Cohen¹² a argumentar que a visão de Poète, retomada por Lavedan, se inspira na aplicação bergsoniana do "ímpeto vital" (élan vital).¹³

⁹ Françoise Choay. « L'Urbanisme, utopies et réalités ». 'Marcel Poète'. Pags. 354-358.

¹⁰ Françoise Choay. « L'Urbanisme, utopies et réalités ». Pag. 80.

¹¹ Cf. L'Institut Nationale de Histoire d'Art, Fond Pierre Lavedan. Réalisé par Delphine Aboulker, chargée d'études et de recherches à l'INHA, doctorante en sociologie à l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

¹² Cf. Evelyne Cohen. "Paris dans l'imaginaire nationale dans l'entre les deux guerres"

¹³ Diz Bergson sobre o 'Élan vital', contra argumentando a "concepção de finalidade": "Mas a verdade é que ele (progresso) se efetua em função do 'élan' original da vida, que está implicado nesse próprio movimento (...) Se agora nos perguntassem porque razão e como é que está aí implicado responderíamos que a vida é acima de tudo uma tendência para agir sobre a matéria inerte. O sentido



Ilustração 2 – O Modulor

Lavedan, acredita que a geografia determina o espaço urbano e os seus pontos de referência estavam ancorados na topografia espacial e nos elementos naturais do sítio. Mas não só, os sítios teriam, também, uma geografia social, concluindo que *“o habitante de Montmartre é diferente do cidadão do 18º ‘arrondissement’ e embora o homem de Batignolles, de Belleville e de Auteil não tenha qualquer título nobre ou artístico, é igualmente afeiçoado ao seu quarteirão.”*¹⁴

Indubitavelmente Henri Bergson, o prémio Nobel da Literatura de 1927, exerce uma fortíssima influência no espírito do seu tempo, só comparável à de Nietzsche. Não

custa todavia a acreditar que também o seu pensamento tenha sido objeto de alguma vulgarização. Retrospetivamente é possível entender quanto aquela conceção de geografia social pode vir a roçar um certo chauvinismo nacionalista e um certo preconceito de classe que dissocia implacavelmente o território dos pobres e o território dos ricos.¹⁵

desta ação não está sem dúvida pré-determinado: por isso a imprevisível variedade de formas que a vida, ao evoluir, dissemina ao longo do seu caminho”. Cf. Henri Bergson. *“A Evolução Criadora”*- Textos Filosóficos. Edições 70. Março 2001.

¹⁴ Cf. L’Institut Nationale de Histoire d’Art, Fond Pierre Lavedan. Réalisé par Delphine Aboulker, chargée d’études et de recherches à l’INHA, doctorante en sociologie à l’Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

¹⁵ O Plano Auzelle para a cidade do Porto distingue no seu Regulamento, *“zonas de residência”* de *“zonas de habitação”*, correspondendo as primeiras a áreas como a Marechal Gomes da Costa ou as Antas e as segundas a Costa Cabral ou à Foz Velha. Cf. Plano Director da Cidade do Porto. Edição da Câmara Municipal do Porto. 1962

Enquanto editor da revista “La Vie Urbaine” e director do Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, Paul Lavedan é uma autoridade, quer no debate sobre a cidade em geral quer no debate concreto sobre a cidade de Paris e nas decisões sobre as obras que aí devem ter lugar. Lavedan é um opositor franco dos conceitos de Le Corbusier, que ele considera utópicos.

Não por acaso, desde 1923, Corbu vem publicando na revista “L’Esprit Nouveau” os doze textos que mais tarde irão constituir o seu livro “Vers une Architecture”. Recordemos a estrutura deste livro que, há época, exerceu uma extraordinária influência e causou alguma incompreensão¹⁶. O livro abre com o texto “A estética da engenharia”, escrita propositadamente para os arquitectos e segue com “Olhos que não veem” dedicado aos clientes.

De acordo com Jean-Louis Cohen, no prefácio da edição norte-americana, “Towards an Architecture”, os dois blocos de textos constituídos por um lado, por: “Três lembretes aos Srs. Arquitectos”, “Traçados Reguladores”, “A lição de Roma”, “A ilusão do Plano” e “Uma pura criação da mente” e, por outro lado, por: “A estética da engenharia”, “Olhos que não vêem” e “Arquitetura ou revolução”, refletem um dualismo entre concepções de estética pura e concepções ‘maquinicistas’¹⁷, melhor compreensíveis se considerarmos que o amor de Le Corbusier pela máquina é partilhado por toda uma geração de poetas, pintores, escultores e arquitectos e que a sua paixão pelo belo lhe permitiu sobreviver como artista, acima de todas as tentativas de o ‘encaixilhar’ numa corrente ou num conceito.

Publicado dois anos mais tarde que “Vers une architecture”, “Urbanisme”, de 1925, é ainda mais claro sobre o debate que temos ‘em cima da mesa’:

“A cidade é um instrumento de trabalho.

As cidades já não cumprem normalmente essa função.

São ineficazes, desgastam o corpo, contrariam o espírito. (...)

Uma cidade!

É o domínio do homem sobre a natureza. É uma ação humana contra a natureza, um organismo humano de proteção e de trabalho. É uma criação. (...)

A geometria é a base.

¹⁶ Cf. Vincent Scully, Prefácio ao livro de Venturi “Complexity and Contradiction in Architecture”.

¹⁷ Cf. Le Corbusier. “Toward an Architecture.” “Introduction” de Jean-Louis Cohen.

É também o suporte material dos símbolos que significam a perfeição e o divino.

*A máquina procede da geometria. Toda a época contemporânea é portanto eminentemente geometria.*¹⁸

Assim falava Le Corbusier.

Em 1928 Le Corbusier está em Moscovo para fazer a sua proposta do projeto do Palácio dos Sovietes. É a primeira vez que um governo europeu o chama seriamente para uma colaboração.

O contacto de Le Corbusier com a corrente “construtivista” em Moscovo fazem-no convidar El Lissitzky para o 1º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) que teve lugar em Sarraz, na Suíça¹⁹. No entanto El Lissitzky, vai aparecer como um forte crítico da sua arquitetura e mais ainda das suas ideias sobre a cidade: *“a sua cidade não é nem capitalista, nem proletária, nem socialista. Daí a sua solução académica. É uma cidade que repousa sobre uma prancheta de desenho, uma cidade estranha à natureza viva, uma cidade num deserto, que nenhum rio atravessa (tal linha tortuosa seria contraditória com o estilo).”*²⁰

Le Corbusier defende-se das acusações de formalismo e de esteticismo, contraditando o velho aforismo dos funcionalistas: *“o que é útil é belo; postulado tão taxativo quanto duvidoso!”*²¹ Mas a verdade é que os seus dias de Moscovo esgotam-se poucos anos depois. Como já Bruno Taut tinha feito notar, Le Corbusier era um “líder sem tropas” e a sua ingenuidade política fazia-o alhear-se das mudanças de clima político da capital soviética entre o momento da sua chegada e o momento da proibição das associações livres de profissionais liberais²², decretada por Estaline em 1930. Mas Le Corbusier vem aqui á consideração apenas porque são muito curiosas as afinidades entre o discurso crítico da ‘vanguarda soviética’ e o discurso crítico de Lavedan sobre Le Corbusier. Visto com a distância

¹⁸ Cf. Le Corbusier. “Urbanismo” “Advertência”. Martins Fontes. São Paulo. 1992

¹⁹ René Huyghe. “L’Art et le Monde Moderne – ‘La charte internationale de l’architecture moderne. CIAM’”. Larousse. 1970

²⁰ Cf. Jean-Louis Cohen. “Le Corbusier et la Mystique de la URSS”. Pierre Mardadga. 1997. Pag.141

²¹ Ibid

²² Como a ‘OSA’ (Associação de arquitetos construtivistas) a que pertencia El Lissitzky.



da história, é algo como o finalizar de uma circunferência em que o último ponto toca o primeiro, porventura no encontro entre dois tipos diferentes de nacionalismos, ambos adversos a um estilo mais intemporal que internacional, racionalista, matemático, perfeito, divino...

Em 1933, com o V encontro do CIAM em Atenas, Le Corbusier redige o mais famoso texto de urbanismo do século XX (e porventura de sempre) que ficou conhecido por "Carta de Atenas". Qualquer leitor contemporâneo da "Carta" fica impressionado com a clareza dos conceitos, a amplitude da visão, até a premonição das dificuldades da cidade no seu crescimento. Corbusier não é um destruidor Haussmaniano. Ele respeita a cidade antiga" *Se a sua conservação não acarretar o sacrifício de populações mantidas em condições insalubres.*"²³. Corbusier não é um esteta fútil ou pretensioso, ele ama a beleza da ordem, do traçado regulador, da eficiência que permite ao ser humano exercer todas as suas atividades com o maior dos confortos.

Ilustração 3 - Cemitério de Clamart, projecto de Auzelle

Nenhum arquiteto pode ser indiferente ao seu discurso inovador e Robert Auzelle, que começa a estudar arquitetura em 1932, integrará no final da década uma nova geração de arquitetos franceses que reconhecem que o IUUP não lhes providencia a educação necessária para abordar as questões urbanísticas

²³ Cf Le Corbusier, *La Charte d'Athènes*, Éd. Minuit-Seuil, 1970

que a sua geração considera fundamentais. O fascínio de 'Corbu' chega a Auzelle essencialmente pela via da estética vibrante das suas propostas e da evidência das novas tecnologias construtivas. A origem imediata do grupo estudantil que em 1937 se destaca como crítico do IUUP, é a rejeição, em 1937, do projeto em betão de Auguste Perret no concurso para o Museu de Arte Moderna, por o material ser considerado pouco majestoso.²⁴

Contemporâneo de Lavedan e também diretor no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, onde Robert Auzelle faz a sua formação académica, Gaston Bardet, arquiteto e genro de Marcel Poète é o mais influente e um dos mais cosmopolitas urbanistas franceses, com forte prestígio dentro e fora do seu país. Leu e aprecia "The culture of the cities" de Mumford e o "Civic Survey" de Geddes. Em 1944 começa a edição da sua principal obra "Le Nouvel Urbanisme".²⁵ Mas o seu catolicismo praticante leva-o a uma aproximação do regime de Vichy que dita o seu afastamento primeiro do cargo e depois do país, no pós-guerra.

Entretanto, a II Grande Guerra tinha começado e a França ocupada vê demasiados dos seus intelectuais, em particular os católicos, comprometidos com o regime colaboracionista e anti-semita de Vichy. Para muitos católicos franceses será mais fácil a 'tolerância' com um regime colaboracionista do que o alinhamento com os resistentes, normalmente comunistas, ou os seus "compagnons de route". A questão no entanto não é simples.

É o próprio Vaticano que se queixa, na biografia do Papa Pio XII, que a 'lenda negra'²⁶ teve origem num católico, Jacques Mounier. É este homem que com outros, aliás menos extremistas como Maritain, lançam as bases do movimento dos católicos progressistas, que iria ter plena expressão no pós-guerra.

Que Robert Auzelle é um católico e provavelmente preocupado com a transcendência e o sublime pode bem deduzir-se da sua tese de doutoramento "Dernières Demeures", bem como dos numerosos cemitérios que projetou, todos eles influenciados por um organicismo e um lirismo mais próximos do paisagismo

²⁴ Cf. René Huyghe. "L'Art et le Monde Moderne . 'Les incertitudes françaises'" . Pag.164. Larousse.1970

²⁵ Françoise Choay. « L'Urbanisme, utopies et réalités ».

²⁶ O Vaticano chama 'lenda negra' às críticas que apontam a ausência de posição de Pio XII perante o massacre de padres e outros católicos na Polónia ocupada pelos exércitos de Hitler.

anglo-saxónico,²⁷ do que da arquitetura e estatuária fúnebres tão caras ao catolicismo mediterrânico.²⁸

No início dos anos '50 uma nova geração de urbanistas tomou o comando em França e associa-se sem reboços ao "international style". Citemos, por exemplo "La Défense" e o projecto de conjunto elaborado para essa área da autoria de Auzelle em parceria com Zehrfuss. A guerra ficou para trás. As feridas sararam e trata-se agora de construir. Desde 1945 que Robert Auzelle tinha sido nomeado professor no Institut d'Urbanisme de Paris e, talvez por essa via, vem em 1955 fazer uma conferência na Escola de Belas-Artes do Porto. No Porto encontra uma Escola atenta ao debate internacional sobre arquitetura (e urbanismo). Não só porque Carlos Ramos, o diretor da EBAP da época, é um homem profundamente moderno mas também porque ali encontra arquitetos portuenses que participaram nos últimos CIAM.

A espiritualidade de Auzelle e o seu humanismo católico aproximaram-no em Portugal de figuras como Luis Cunha (seu direto colaborador no Plano da Cidade do Porto) o qual por sua vez convivia com Nuno Teotónio Pereira²⁹ e Nuno Portas. Também Fernando Távora e Carvalho Dias, no Porto, são influenciados e discípulos³⁰ deste francês que durante mais de dez anos se deslocou ao Porto com regularidade, primeiro para seguir a execução do Plano de Melhoramentos e depois para elaborar o Plano Director³¹.

A sua contratação para levar a cabo o 'Plano de Melhoramentos' justificase plenamente dado a sua experiência francesa, quer no 'Marais', quer em 'La

²⁷ A influência do seu mestre no IUUP, Gréber, foi recentemente discutida numa Conferência em Serralves. Ver. Nuno Grande. " Funcionalismo orgânico, Robert Auzelle e o Plano Director da Cidade do Porto" in "Jacques Gréber, urbanista e arquitecto de jardins". Serralves, 2011 .pags. 187 a 211

²⁸ Talvez por isso, com alguma facilidade no Porto, a sua proposta do "Cemitério Oriental" se transformou posteriormente no "Parque Oriental".

²⁹ Nuno Teotónio Pereira virá a ser um dos protagonistas dos chamados 'incidentes da Capela do Rato', em 1972, uma das mais expressivas tomadas de posição anti regime dos católicos progressistas em Portugal.

³⁰ Depoimento oral dos arquitetos Luis Cunha e Carvalho Dias na Conferência de Serralves supra-citada.

³¹ *O'Centre d'Études' permitiu-me um destacamento por três anos, a começar em 6 de Março de 1957. Mas os contratos sucederam-se (...) durante 13 anos, pois após o grupo de habitações tivemos de realizar o Plano Director do Porto, depois o de Aveiro e por fim o Plano Regulador de Aveiro."*

Défense'. Em breve porém se verifica que a maior parte dos empreendimentos de 'habitação social' previstos para o território exterior à Via de Cintura Interna, não podem ser construídos por se localizarem em "Áreas rurais" de acordo com o Plano em vigor, da autoria do Engenheiro Antão de Almeida Garrett.³²

É neste contexto que é entregue a Robert Auzelle a revisão do Plano Director da cidade.

Robert Auzelle traz com ele uma renovação metodológica na elaboração do Plano que se centra nalguns pontos chave:

- O conceito de sítio, de território e porque uma boa cartografia é essencial para projetar o território, pela primeira vez desde há muitos anos a cidade do Porto é apetrechada de uma cartografia exemplar³³, uma maquete do território e ainda de um "magnetoscope", objecto inventado por Auzelle, manifestamente preocupado com a 'cientificidade' e o rigor do planeamento através da leitura rigorosa da cartografia;

- A interdisciplinaridade e o método analítico. Não é possível projetar a cidade sem se conhecer profundamente a cidade. Consequentemente, as equipas de planeamento mobilizam sociólogos, historiadores e demógrafos e os inquéritos que serão aplicados, no Porto, ao 'hectare tipo' transpõem o método de amostragem, caro às ciências sociais.

- No urbanismo, o urbanista é um *coordenador*, pelo que *"o princípio fundamental do seu método insistia permanentemente no conceito de que o urbanista não era um 'deus ex machina' que a profissão não era de omniscientes. Era imperativo que ela aplicasse os conhecimentos de outras ciências e de outras disciplinas, além das estritamente arquitectónicas."*³⁴

Cf. Frédéric Bertrand. "Robert Auzelle e Jacques Gréber: Hipóteses em torno de um encontro." Ibid "22"

³² Cf. Nuno Grande. "Funcionalismo orgânico, Robert Auzelle e o Plano Director da Cidade do Porto" in "Jacques Gréber, urbanista e arquitecto de jardins". Serralves, 2011 .pags. 187 a 211.

³³ Cf. Frédéric Bertrand. "Robert Auzelle e Jacques Gréber: Hipóteses em torno de um encontro." Ibid "32". Pag173

³⁴ Cf. Charles Delfante, "La Part-Dieu". (Urbanista, aluno de Robert Auzelle no quadro do Centro de Estudos da Direcção Geral de Urbanismo.)



Ilustração 4 - Zona terciária, zona de Gonçalo Cristóvão

- Aplicação dos conceitos CIAM do “trabalhar, circular, habitar,...”, expressos nas estruturas de mobilidade e no aparecimento dos conjuntos edificados que não bordejam a rua.

Este conjunto de referências híbridas a que Nuno Grande chama “funcionalismo orgânico”³⁵ são uma súpula das preocupações da prática urbanística de Auzelle as quais são fruto de uma ‘escola’ de urbanismo francês, que se caracteriza pelo conservadorismo e de um certo fascínio pela vanguarda dos CIAM, tão bem representada pela ‘Carta de Atenas’ e pelo seu autor, o Corbusier.

Procurar no Plano da Cidade do Porto e também no urbanismo dos anos ‘60 a génese desta contribuição, será objeto de próximos trabalhos, inscritos, como este primeiro texto, numa abordagem que pretende contribuir para a compreensão do Plano Diretor do Porto aprovado em 1962, na relação das suas propostas com a construção da cidade e com o urbanismo do seu tempo, bem como na sua relação com a cidade futura, pela identificação dos seus principais efeitos.

³⁵ Obra citada.

Bibliografia

Charles Delfante « *La Part-Dieu* » Libel, 2009.

Delphine Aboulker. « L'Institut Nationale de Histoire d'Art, Fond Pierre Lavedan ». Réalisé par Delphine Aboulker chargée d'études et de recherches à l'INHA, doctorante en sociologie à l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Evelyne Cohen. "Paris dans l'imaginaire nationale dans l'entre les deux guerres": Publications de la Sorbonne, 1999

Françoise Choay. « L'Urbanisme, utopies et réalités ». Editions du Seuil. 1965

Frédéric Bertrand in "Jacques Gréber, urbanista e arquiteto de jardins" Serralves, 2011

Henri Bergson. "A *Evolução Criadora*"- Textos Filosóficos. Edições 70. Março 2001.

Jean Hyppolite. "Introdução à Filosofia da História de Hegel". Edições 70. 1995

Jean-Louis Cohen. "Le Corbusier et la mystique de la URSS". Mardaga. 1987

Jean-Louis Cohen. "Le Corbusier et la Mystique de la URSS". Pierre Mardadga. 1997. Pag.141

Jean-Louis Cohen. « 'L'architecture urbaine' selon Pierre Lavedan ». Les Cahiers de recherche architectural, nº 32-33.

Le Corbusier, *La Charte d'Athènes*, Éd. Minuit-Seuil, 1970

Le Corbusier. "Toward an Architecture". Los Angeles: Getty Research Institute, 2007

Le Corbusier. "Urbanismo". Martins Fontes. São Paulo. 1992

Nuno Grande in "Jacques Gréber, urbanista e arquiteto de jardins" Serralves, 2011

Nuno Portas. "Os Tempo das Formas". Vol.1, DAAUM/Guimarães. 2005

Plano Director da Cidade do Porto. Edição da Câmara Municipal do Porto. 1962

René Huyghe. "L'Art et le Monde Moderne. 'Les incertitudes françaises'" Larousse. 1970

René Huyghe. "L'Art et le Monde Moderne - 'La charte internationale et de l'architecture moderne. CIAM'" Larousse. 1970

Robert Venturi "Complexity and Contradiction in Architecture". Little Brown & Ca. 1977

Biografia de Robert Auzelle em www.arturbain.fr.

Depoimento oral dos arquitetos Luis Cunha e Carvalho Dias na Conferência de Serralves supra-citada.